

SHERLOCK HOLMES, KARL MARX E A COMUNA DE PARIS INVADEM A SALA DE AULA: ENSINANDO HISTÓRIA POR MEIO DA LITERATURA

Alexandre Vieira da Silva Melo¹

RESUMO: O presente trabalho discute algumas características observadas durante o primeiro movimento de caráter socialista da História, a Comuna de Paris (1871), que instaurou um governo organizado pelo operariado durante 72 dias na capital francesa. A análise tem como referência o romance policial “Sherlock Holmes & Marx: um caso de amor e morte na Comuna de Paris”, do escritor francês Alexis Lecaye. A visualização deste romance como objeto de pesquisa, atrelado as outras obras historiográficas, sob a perspectiva das novas abordagens e possibilidades de estudo dentro da Nova História Cultural, o seu uso na sala de aula, leitura extra, a problematização da narrativa e dos fatos relacionados ao acontecimento em foco, além da multiplicidade de discursos que o assunto proporciona aos estudos da Comuna, foram as principais questões abordadas neste artigo.

PALAVRAS-CHAVES: Comuna de Paris; Literatura; Ensino de História; Sherlock Holmes; Karl Marx.

RESUMEN: Este artículo discute algunas de las características observadas durante el primer movimiento socialista de la historia, la Comuna de París (1871), que estableció un gobierno organizado por los trabajadores durante 72 días en la capital francesa. El análisis toma como referencia el libro "Sherlock Holmes y Marx: un caso de amor y muerte en la Comuna de París", del escritor francés Alexis Lecaye. Viendo este libro como objeto de investigación, vinculado a otras obras históricas, y la perspectiva de nuevos enfoques y posibilidades de estudio en la Nueva Historia Cultural, además por su uso en aula, lecturas adicionales, el cuestionamiento de la narración y los hechos relacionados a el evento en foco, y la multiplicidad de discursos que el tema ofrece a los estudios de la Comuna, fueron los principales temas abordados en este artículo.

PALABRAS-CLAVE: Comuna de París; Literatura; Enseñanza de la Historia; Sherlock Holmes; Karl Marx

“No céu ainda escuro, miríades de pássaros pretos esvoaçavam. Precisei de um tempo para entender. Não eram pássaros, mas partículas pretas de papel e poeira que caíam sobre a cidade e os subúrbios, erguidas pela fomalha da noite [...] Paris ardia.”

Sherlock Holmes ao adentrar na Paris em chamas

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; participante do Gehisc – Grupo de Estudo em História Social e Cultural. Email: alexandremelo@live.com

1. Introdução

Sherlock Holmes é um célebre personagem ficcional, detetive intrépido, criado pelo literato inglês Arthur Conan Doyle, em 1887, que resolve casos misteriosos com astúcia surpreendente e infalível. Karl Marx foi um dos maiores referenciais para a filosofia comunista, contribuindo com seus escritos para a consolidação desses ideais durante os séculos XIX e XX. A Comuna de Paris foi o primeiro movimento social comunista que se desencadeou na Europa, no ano de 1871, que colocou o operariado no governo durante 72 dias. Foi exatamente unindo este cenário real com personagens ficcionais que se fermentou na mente do escritor francês Alexis Lecaye um romance saboroso e, por que não, histórico.

Lecaye, autor de outros contos policiais lançados no Brasil na coleção “Creme do Crime”, por Jorge Zahar Editor, e roteirista de um seriado de TV por assinatura francesa, uniu sua interpretação histórica com uma avaliação ficcional para formular o romance policial “Sherlock Holmes & Marx: um caso de amor e morte na Comuna de Paris”. Ao percorrer as linhas de sua narrativa, Alexis leva o leitor de carona ao cotidiano dos franceses durante a insurreição de 1871, chamada pelo próprio Marx de “Assalto ao Céu”. O enredo se desenrola parte na Inglaterra (Londres) e parte em Paris, na França. Diferente dos contos originais de Conan Doyle, onde Dr. Watson é o redator das investigações de seu amigo, na apropriação do personagem por Alexis Lecaye, é do punho do próprio Sherlock que a trama é narrada.

Aliás, a história se passa muito antes de o detetive conhecer seu grande amigo Watson, e mesmo antes de ele fixar morada na famosa 221B da *Baker Street*, em Londres. O Jovem e inexperiente Sherlock Holmes recebe a visita inusitada do filósofo e cientista político Karl Marx, que desde 1849 vivia na Inglaterra. Karl solicita os serviços de Holmes por suspeitas de que o Primeiro Ministro, Otto von Bismarck, havia contratado um russo que estaria tramando seu assassinato. O suposto assassino, chamado de “X”, estava em Paris planejando a maneira de cometer o seu crime. Sherlock, então, viaja para a cidade-luz, seguindo o rastro do criminoso para interceptá-lo antes de que chegasse à Londres e concluísse seus planos.

No decorrer da narrativa, o detetive particular encontra-se com outros interessantes personagens, como Philibert Longuet, mensageiro da Comuna e Internacionalista militante, Jules Vigot, arquiteto e comunardo, que auxilia Holmes na cidade de Paris, Isabelle Vigot, a jovem irmã de Jules, que, de certa forma, representa a força feminina sempre presente na história francesa, Vladimir Rupelski, russo suspeito de ser o Sr. “X”, Laura Lafargue, filha de Marx e a falsa Laura, Helena Dolguchev, por quem Holmes se apaixona.

2. Comuna de Paris: o cenário histórico

O panorama apresentado no romance de Lacaye remete a uma época bastante tensa, tanto na França, quanto na Prússia. Enquanto a França, na segunda metade do século XIX, estava vivendo o período chamado de Segundo Império, sob o jugo do imperador Luís Bonaparte, chamado de Napoleão III, a Prússia estava envolvida na unificação dos pequenos estados germânicos e na formação de um grande Estado, pelo desejo da aristocracia agrária e da burguesia. A Elite visava com isso à facilitação de suas transações comerciais. Otto von Bismarck, aristocrata e Primeiro Ministro do rei Guilherme I da Prússia, liderou os empreendimentos armados em prol da unificação Alemã. Após guerrear contra a Áustria e vencer, Bismarck, que já conseguira unir os estados do norte², passou a ter como o foco principal de sua empreitada a conquista dos estados germânicos do sul.

Enquanto isso, na França, Bonaparte amargava uma insatisfação popular ao seu governo e o desencadeamento de greves pelo território francês. De 1860 a 1870, o império francês começava a ruir. Diversos fatores causaram a insatisfação da sociedade ao governo de Luís, principalmente a intervenção política fracassada no México. Bismarck acreditava que uma guerra acenderia um sentimento de nacionalismo entre os prussianos, e assim conseguiria, mais tarde, o apoio dos sulistas germânicos ao seu projeto de unificação territorial. Sendo assim, forjou uma guerra com a França, a partir de falsificações de documentos². Estava iniciada a guerra franco-prussiana (1870 - 1871), que levaria o imperador francês, Luís Bonaparte, a ser deposto e ao início da Terceira República Francesa.

Com Napoleão III fora do poder, proclama-se a Terceira República na França, Thiers, então, assume o governo provisório. Entretanto a Guarda Nacional ainda lutava contra os prussianos, que continuavam a sitiá-la. Os parisienses sofriam a fome, a indignação e a não aceitação ao governo provisório instituído, os trabalhadores se rebelam e tomam a cidade. A Comuna de Paris, a primeira revolução socialista da História da humanidade, é instaurada.

3. Sherlock na Paris moderna

Os franceses são conhecidos por serem um povo revolucionário e lutador. Em 1871, movidos pela insatisfação tanto com o governo provisório do país, quanto com a humilhação da derrota pela Prússia, a tentativa de Thiers de desarmar a Guarda Nacional e na esperança de novos tempos e melhores condições de vida, o operariado foi ao assalto ao céu. Homens, mulheres e crianças tomaram a cidade de Paris e instauraram o governo da Comuna. No romance de Alexis, o autor imagina Sherlock Holmes chegando à Paris

² Com o nome de Confederação Germânica do Norte ²
O telegrama adulterado de Sem.

através de um corredor subterrâneo justamente durante os dias do governo da Comuna. Holmes fica extasiado com a beleza da cidade-luz.

“Tudo em Paris pareceu-me magnífico: os prédios, a multidão na rua, ainda numerosa apesar da hora tardia, a própria atmosfera de uma grande metrópole em que nada lembrava a guerra, a exceção dos sacos de areia nos principais cruzamentos.” (LECAYE, 2004, p. 59)

O historiador argentino Horácio González³ destaca a modernização que a cidade de Paris havia sofrido durante o século XIX a pedido de Napoleão III. Com o governo do prefeito, o barão de Haussaman, foi efetuada uma remodelação da capital. Para isso, velhas construções históricas foram derrubadas, pessoas pobres foram transportadas para o subúrbio, as ruas ficaram mais largas e avenidas retilíneas. Há quem diga que esta modificação nas ruas da capital francesa tinha o objetivo de impedir a formação de barricadas e para isolar os populares em caso de rebeliões populares. Napoleão III almejava fortalecer a Identidade Nacional francesa. Com uma cidade estruturada e moderna, desejava acalmar os ânimos da população insatisfeita com seu governo, assim, como afirma González, remodelar a cidade “[...] para criar uma forma de homogeneidade social através de um cenário urbanístico que intimidasse culturalmente por meio do esplendor dos espaços públicos” (GONZALEZ, 1999, p. 59) Enfim, a modernização que Paris sofreu divergia muito da condição que o povo parisiense vivia na época: dificuldade de emprego, preços altos e fome entre os mais humildes.

4. A sociedade *Comunard*

Os grupos sociais parisienses, na época da comuna, eram formados por operários, aristocratas e burgueses. Em duas ocasiões no romance analisado aqui, os burgueses são representados por “Homens Gordos”. A primeira ocorreu quando Sherlock estava a fazer anotações sobre Paris e é interceptado por um homem

“[...] grande e gordo, o rosto avermelhado e os dedos grossos cobertos de jóias apertando uma bengala com castão de prata, todo seu aspecto traía uma abundância grosseira e acomodada [...]” (LECAYE, 2004, p. 63)

A segunda vez acontece quando o detetive está deixando a França e encontra

“[...] um negociante de aguardente, gordo e vermelho, cujo capricho consistia em fazer apostas sobre a data da queda final da insurreição[...]” (LECAYE, 2004, p. 144)

³ GONZÁLEZ, Horácio. **A Comuna de Paris: Os assaltantes do Céu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

A referência a burgueses gordos vem a traduzir a controvérsia que a França vivia: enquanto a guerra com a Prússia e a guerra civil entre os próprios franceses permitiu que a fome se instaurasse nas camadas populares, a elite burguesa ignorava, preocupando-se apenas com seus negócios e suas vidas abastadas.

Os *comunards* valorizavam a arte como manifestação da Identidade Nacional, principalmente o teatro. Lecaye não deixa este aspecto passar despercebido. Isabelle, a jovem irmã de Vigot, em determinada noite convida Sherlock Holmes a assistir a um espetáculo teatral na cidade, o detetive expressa suas impressões sobre o comportamento do público:

“Representava-se ali um drama em cinco atos dos Srs Franz Beauvallet e Marc Fournier: *As Noites de Courtille*. [...] uma platéia numerosa e barulhenta, sedenta por espetáculos, incessantemente disposta a interferir em todos os conflitos vividos pelos protagonistas no palco.” (LECAYE, 2004, p. 68)

Isabelle é uma figura que merece destaque. A jovem impulsiva e sonhadora é pintora e comunarda, demonstrando como mais uma vez a participação feminina é marcante dentro da História do país, desde a Revolução Francesa. Não sendo à toa a representação da figura “Liberdade” como uma mulher guiando o exército e convocando o povo à luta.⁴

Apesar de o programa da Comuna estar bem voltado a atender as necessidades da classe operária francesa, um ponto que, sem sombra de dúvidas, causou o enfraquecimento da Comuna foram as diversas concepções da sociedade em embate na filosofia dos insurretos. Os comitês dos bairros tinham objetivos distintos, causando uma desarmonia entre os próprios *comunards*. Sherlock, ao perguntar sobre a moral dos insurretos a Jules Vigot, escuta a seguinte afirmação:

“- Mal, muito mal – respondeu – Depois de uma tentativa de organização e da formação de um governo parisiense encarregado das tarefas mais urgentes, tudo vem se degradando, os comitês de bairro seguem apenas suas próprias iniciativas, nem sempre felizes, o medo e a raiva aumentam à medida que o torno de Versalhes vai se apertando[...]” (LECAYE, 2004, p. 54)

A fome durante o cerco Prussiano a Paris foi fato lamentável. Sabe-se que ratazanas cavalos e até os animais do zoológico da capital serviram de alimento ao povo esfomeado. Lecaye também expõe este acontecimento em duas passagens do seu romance. Holmes se surpreende ao perceber que

“Não havia um único coche disponível, a maioria dos cavalos tendo sido comidos durante o cerco, mas os

⁴ Ilustração da pintura de Delacroix “A Liberdade guiando o povo”.

ônibus funcionavam bastante bem, apesar da magreza dos pangarés que os puxavam [...]” (LECAYE, 2004, p. 63)

E ainda, ao andar pelas ruas da cidade, passando em frente ao zoológico expressa sua surpresa, ao verificar que o zôo estava sem animais em exposição:

“[...] na frente das jaulas dos animais, na época sem exibirem nenhum espécime, do elefante ao castor, todos devorados durante o cerco pelos parisienses famintos.” (LECAYE, 2004, p. 99)

Dias de Guerra, dias de luta, dias de fome.

5. Marx e a Comuna.

Na ocasião da Comuna, Karl Heinrich Marx estava residindo em Londres, ocupado com a coordenação da Internacional Comunista. Ele foi um filósofo e cientista político, nascido na então Prússia. O estudioso viveu em prol da luta por melhores condições ao trabalhador, ao qual chamava de proletário. Com os seus escritos críticos ao sistema capitalista burguês, ele denunciava as mazelas da sociedade industrial em ascensão. Marx, ao ser expulso da Prússia, viveu na França até ser também expulso em 1845; em 1848 fixou morada definitiva em Londres. Tal como Dr. Watson nos contos do personagem Sherlock Holmes, Marx também tinha o auxílio de um amigo inseparável, Friedrich Engels, que foi o braço direito e co-autor de algumas obras com Karl.

Lecaye, então, propõe o encontro de Sherlock com o filósofo em seu escritório e, além disso, Alexis se dá a liberdade de sugerir um caráter para Karl Marx. A impressão que Sherlock teve do filósofo divergia muito do homem friamente arrogante e imperioso dominador, como Marx era conhecido, se mostrando como bem humorado e sensato ao dialogar com Holmes. Marx esteve sempre a par dos acontecimentos na França, criticava o golpe dado por Napoleão III⁵ e mostrava sua opinião sobre o assunto em algumas cartas que o filósofo enviou a um amigo chamado Kugelmann. Esta relação real entre o filósofo e seu amigo alemão também é mencionada no romance de Alexis, quando Karl afirma:

“Bismarck estava decidido a me mandar prender caso eu me resolvesse a uma visita ao Dr. Kugelmann, um amigo de Hanover.” (LECAYE, 2004, p. 18)

Kugelmann tornou-se admirador do cientista político e mantinha contato com ele através de cartas, por meio das quais, além de tudo, informava Marx de como estava a situação da Prússia.

⁵ Isso ficou evidente na obra “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”.

Apesar de a Comuna ter sido um movimento de caráter socialista e de conter comunardos internacionalistas partidários de Marx, a maior inspiração ideológica dos *comunards* provinha da filosofia de Proudhon e do blanquismo, considerado por Marx um comunismo utópico. Na verdade, muitos dos franceses nem sequer sabiam quem era Karl Marx. Lecaye destaca isso quando o jovem detetive Sherlock, ao se encontrar em Versalhes com seu contato, Gottlieb, grande admirador de Marx, depara-se com uma afirmação que o deixou perplexo. Em uma conversa com a esposa de Gottlieb, Holmes escuta:

“Se perguntar aos operários parisienses, não encontrará muitos que sequer conheçam o nome do Sr. Karl Marx.”
(LECAYE, 2004, p. 51)

De fato, durante a guerra franco-prussiana e mesmo já no período da insurreição parisiense, os ideais que exerciam maior influência e admiração entre os *comunards* eram os de Prudhon. “*Os internacionalistas da seção francesa eram, em sua maioria, filhos conceituais de Prudhon, ainda que nem sempre interpretassem o mestre [...] da mesma forma.*” (GONZÁLEZ. 1999, p. 20)

Marx não aceitava muitas das ideias de Proudhon, que afirma não ser a resposta para a luta de classes a proibição da propriedade privada ou do lucro. Segundo Olivier Nay, Prudhon acreditava que “*A coletivização dos bens só faria substituir a apropriação individual das riquezas por uma nova apropriação da comunidade, que continuaria a por a liberdade em perigo*” (NAY, 2007, p. 399). A filosofia de Proudhon, que já estava morto em 1865, foi utilizada na prática durante os dias da Comuna em 1871. Como observou Marx um dos motivos do fracasso da Comuna foi o não confisco do dinheiro do Banco de Paris pelos insurretos *comunards*. No prefácio de Engels sobre a Guerra Civil da França, o companheiro de Marx afirma que o Banco nas mãos da Comuna valeria mais do que dez mil reféns⁶. Marx acusava Proudhon de pequeno burguês, e isso ocasionou a ruptura entre os dois em 1846. Contudo, ainda segundo Olivier Nay, o pensamento marxista recebeu fortes influências do proudhonismo.

6. O desfecho da Comuna

Apesar de a Comuna ter se mostrado como um governo de caráter popular, ter apresentado como é possível que a distribuição igualitária dos poderes públicos, a democratização e a união entre os bairros através de conselhos formassem uma sociedade mais justa, a Comuna teve um desfecho trágico, e o sonho do socialismo ficou mais distante da realidade francesa. A Comuna de Paris gerou a preocupação dos países europeus e o medo de que os ideais defendidos pelos comunardos fossem expandidos e encontrasse em outras nações e outros territórios para novas insurreições. Assim sendo, os Prussianos permitiram que os soldados franceses atacassem a cidade de Paris. Era o

⁶ Em “A Guerra civil na França” – Karl Marx, prefácio de Friedrich Engels edição de 1891

início da guerra civil, que acabou por ceifar a vida de mais de 20 mil trabalhadores. O Sherlock de Alexis Lecaye narra a sua visão do acontecimento:

“Na esquina da rua Mouffetard, começava o inferno, na fúria e confusão dos combates de rua. Mortos amontoavam-se no chão, as paredes enegrecidas estavam todas perfuradas a bala. Os versalhenses chegavam, ninguém podia lhes impedir.” (LECAYE, 2004, p. 130)

Além da má formação do exercito *comunard*, outros problemas ocasionaram a derrota do movimento, entre elas as diversas concepções de sociedade em embate na filosofia da comuna, onde cada grupo defendia os seus próprios interesses. Contudo, a ideologia da comuna de 1871 serviu de modelo para outras revoluções socialistas como, por exemplo, a Revolução Russa.

7. Sherlock Holmes na sala de aula

Sherlock Holmes & Marx: um caso de amor e morte na Comuna de Paris é, sem dúvida, um ótimo livro, que pode ser adotado como paradidático para o ensino fundamental. Com uma linguagem simples e um enredo contagiante, Alexis Lecaye transparece a exaltação à história de seu povo. Através de uma narrativa de suspense, o autor, além de promover o improvável encontro de Sherlock Holmes com Karl Marx, levou o célebre detetive a se envolver nos acontecimentos da Comuna de Paris. Como visto no decorrer da análise deste livro policial, o contexto da narrativa aborda características da insurreição de 1871, revelando a grande criatividade do autor, que descreveu de forma notável suas ideias sobre os detalhes da Comuna, como uma tentativa de criação de uma sociedade mais justa e unida por ideais socialistas. A Comuna, além de uma das maiores manifestações de força da classe trabalhadora, apesar da curta duração de setenta e dois dias, serviu de exemplo para o fortalecimento dos ideais comunistas na Europa dos séculos XIX e XX.

O incentivo à leitura é uma das mais importantes atitudes que um educador deve ter em relação ao alunado, e personagens fantásticos, tal como Sherlock, oferecem um brilho a mais para que os jovens se interessem pela leitura. Todavia, deve-se observar e esclarecer aos alunos que, apesar de o romance utilizar-se de um cenário real, trata-se de uma obra de ficção, e que sua representação deste “real” pode conter erros, sendo carregada por conceitos e valores do autor.

No tocante ao personagem principal, apropriado por Lecaye, observaram-se alguns traços característicos de Sherlock Holmes que diferem um pouco da imagem do personagem original criado por Conan Doyle. O escritor, nas entrelinhas, por Holmes ainda estar na juventude e ser inexperiente na época abordada, procura justificar algumas atitudes que compõem um Sherlock diferente do conhecido e maduro personagem original. Enfim, a intenção de Alexis, ao se apropriar do detetive inglês, não é reproduzi-

lo tal como o Sherlock Holmes de Doyle, mas tornar a história mais atraente ao público jovem.

Mesmo unindo o fictício ao real, Alexis Lecaye mostra que a narrativa sugere que a imaginação construa representações, que, mesmo não sendo a verdade absoluta sobre o assunto, proporcione o levantamento de questões relevantes para a compreensão da sociedade atual. Quem disse que a História é uma ciência das verdades? É isso que faz do estudo da História uma das mais (se não a mais) interessante(s) de todas as ciências. Como Marc Bloch afirmava: ela foi feita para seduzir a imaginação dos homens.

5. Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

GONZÁLEZ, Horácio. **A Comuna de Paris: Os assaltantes do Céu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

LECAYE, Alexis. **Sherlock Holmes & Marx: Um caso de amor e morte na Comuna de Paris**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LINARTH, Casemiro. “Um Retrato de Sherlock Holmes”. In: DOYLE, Arthur Conan. **O Vale do Terror**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MONAL, Isabel. “O Impacto da Comuna em Marx”. In: ORSO, LERNER, BARSOTTI (orgs). **A Comuna de Paris de 1871: História e Atualidade**. São Paulo: Editora Ícone, 2002.

NAY, Olivier. **História das Idéias Políticas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.